

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Estou interessado na difusão de idéias que têm em seu ponto de vista a transformação política ou dos conhecimentos filosóficos, que precisamente tem como objetivo a transformação do ser humano.”*  
Joseph Beuys\*

O universo simbólico da obra de Beuys é tão vasto e os caminhos que se podem percorrer para pensar as suas obras são tantos, que um trabalho como este não poderia pretender esgotá-los. Nesta dissertação tentamos apenas mostrar alguns dos principais pensamentos do artista e o modo como os punha em prática através de suas *ações* artísticas, valendo-se de repetições e de um certo “efeito espelho”, como também podemos observar nas práticas de ritos.

Pudemos constatar que elementos de grupos sociais determinados que partilham um ritual dominam o universo simbólico presente neste; no entanto, é muito provável que muitos dos símbolos utilizados pelo artista em suas *ações* não tenham sido decodificados de maneira igual dentre os observadores, uma vez que não se tratavam de símbolos fixos. Os elementos utilizados pelo artista possuíam um valor simbólico no interior de sua obra e apenas acompanhando o transcórre do seu discurso particular seria possível partilhar do valor simbólico dado pelo artista a estes e ao modo como os utilizou em suas *ações*. Tais símbolos eram para ele *“veículos de experiência, transmissores e comunicadores (...). Representam efeitos ocultos e podem ser tornados inteligíveis e transparentes.”*<sup>1</sup>

Suas *ações* - as que apresentamos ou outras que aqui não figuraram – conseguiam, na grande maioria das vezes, alcançar uma grande recepção pública e gerar muitos debates. Sua obra acabava por assumir uma função de agente social, ampliando suas discussões para além do universo artístico. O artista apontava para a possibilidade da arte sair de circuitos fechados alcançando a esfera pública, sendo um meio possível para que as pessoas encontrassem um caminho para viver

---

\* BEUYS, Joseph *apud in* KLÜSER, Bernd. **Joseph Beuys** : ensayos y entrevistas.

<sup>1</sup> Caroline Tisdall, **Joseph Beuys**; p 13

melhor, pondo em prática o seu conceito ampliado de arte. Todos os seus esforços foram no sentido de estimular no outro a conscientização de seus potenciais criativos.

Muito embora os significados das *ações* do artista não pudessem em princípio ser partilhados igualmente entre todos, através do conjunto destas, o significado ia se constituindo. Com a repetição de temas e elementos, pouco a pouco suas idéias iam se disseminando, questionamentos iam sendo propostos. Não era uma resposta de pronto que o artista esperava, mas sim, uma tomada de consciência de si e dos problemas ao redor, para que, pouco a pouco, mudanças pudessem ser propostas e concretizadas.

Quando um rito acontece, existem, como já vimos, procedimentos que são realizados num contexto específico e sob condições específicas para que a prática ritual tenha valor como tal no seio do grupo que o pratica. Afirmar que as *ações* de Beuys eram rituais seria uma atitude irresponsável; entretanto, como tentamos demonstrar no capítulo três, é possível notar-se a presença de princípios rituais.

Nas fases que Vitor Turner<sup>2</sup> aponta na prática ritual podemos perceber uma relação com as *ações* de Beuys, uma vez que existe uma preparação do espaço para que a *ação* aconteça (pré-liminar); temos a fase liminar em si, em que a *ação* acontece e, por fim, temos o momento em que a experiência da *ação* é processada pelos participantes dela (pós-liminar). A possibilidade de descontinuidade e mesmo de desestruturação da realidade cotidiana apresentada na *fase liminar* da *ação* proporciona um espaço de criatividade e de re-elaboração das questões apontadas pelo artista, que são apreendidas por cada um a seu tempo e a seu modo. Através da prática de ritos há a possibilidade da recriação de uma visão coletiva da realidade e nas *ações* do artista podemos notar uma tentativa presente em quase todas elas de mexer em estruturas socialmente cristalizadas.

Podemos dizer que em suas *ações* Beuys realizava um tipo singular de rito. Dado que a repetição é uma das características do rito como fator pedagógico e integrador social, podemos também observar esse caráter nas *ações*, em suas outras obras e até mesmo no comportamento do artista. A própria apresentação do

---

<sup>2</sup> TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura.

artista, sempre com chapéu de feltro; sua fala quase insistente em torno de temas presentes no conjunto de suas obras; os elementos materiais que privilegiou repetidamente, já denotam uma repetição contínua, criando uma marca, desenvolvendo um tipo particular de ritual.

Os ritos possuem sua origem em construções coletivas e as *ações* de Beuys são uma construção subjetiva e individual a princípio. De acordo com o antropólogo Van Gennep<sup>3</sup>, os rituais possuem dentro de uma comunidade a função de garantir a passagem segura de um estágio a outro. Já as *ações* de Beuys - que teriam se aproximado de estruturas rituais - podem ser também entendidas como uma tentativa de assegurar uma passagem de uma ordem estabelecida a outra ainda indefinida, mas cujo processo compreende a idéia de uma transformação do indivíduo, que o artista acreditava serem necessárias para garantir a ampliação do conceito de arte.

A sociedade, segundo Geertz<sup>4</sup>, deixou de lado as questões espirituais, levada pelo racionalismo e pela idéia de progresso. Trata-se de uma crise espiritual, não distante, já apontada por Husserl e amplamente discutida por Beuys em sua obra. Quando dizemos que o artista “encarnava” a figura de um xamã, não acreditamos que pretendia de fato praticar um ritual no sentido categórico do termo, mas utilizar elementos estruturais destes para evocar um sentimento de busca pelo sagrado, pelo silêncio interno, pelo autoconhecimento, pela consciência do mundo circundante, por uma reconstrução histórica, pela totalidade da vida e somente assim homem e natureza poderiam se reconciliar. Para o artista, a arte era uma atividade que levaria a esse objetivo, porque apenas esta seria capaz de tornar o homem realmente *humano* e transformar a sua natureza e a natureza que estava à sua volta.

Quando Beuys propôs na FIU uma escola que promovesse “troca de criatividades” e uma “democracia de criatividades”, ele estava tentando, de certo modo, unir os homens; homens estes de diferentes culturas, diferentes crenças, línguas, mas que juntos encontrariam um modo de se comunicar e, através da arte, de se apaziguarem e se unirem para a *construção* de uma sociedade melhor, “*pois*

---

<sup>3</sup> GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**.

<sup>4</sup> GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**.

*somente as novas idéias podem levar à realização de uma nova realidade.*”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> BEUYS, Joseph. **A revolução somos nós**: um socialismo livre e democrático. *In*: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org). **Escritos De Artistas Anos 60, 70**; p. 318.